

## ENTRE RAÍZES E RADÍCULAS. O QUE SE PASSA NO CURRÍCULO ESCOLAR

---

Fabiane Olegário<sup>1</sup>  
Sandra Mara Corazza<sup>2</sup>

### RESUMO

Redigido em meio às investigações dos Grupos de Pesquisa Escrita da diferença em Filosofia-Educação (PPGEDU/CNPq/UFRGS) e Currículo Espaço e Movimento (CEM/CNPq/UNIVATES), texto instala-se na terra; entre radículas e raízes, deseja pensar um currículo escolar como desterritorializado. Do território à terra, segue a linha de fuga do voo da bruxa (DELEUZE; GUATTARI, 1992). O texto quer traçar um plano para o currículo, aliando-o às forças mundanas, terrenas, infernais, diabólicas, insanas, que fazem proliferar matilhas, bandos, vírus, em zonas zigzagueantes. Trata-se de uma operação prática imanente, visto que toma o currículo como invenção e considera que toda criação é inerente à atividade humana. O texto quer funcionar como um respirador de ar para que, de modo nada apaziguador, lance o currículo aos urubus famintos, a contrapelo das boas e camaradas intenções messiânicas.

**Palavras-chave:** Currículo. Entre. Invenção. Nômade. Plano

### BETWEEN ROOTS AND RADICLES. WHAT IS UP IN THE SCHOOL CURRICULUM?

### ABSTRACT

Written amidst the investigations carried out by the research groups *Writing-Readings of difference in Philosophy-Education* (PPGEDU/CNPq/UFRGS) and *Curriculum, Space, Movement* (CEM/CNPq/UNIVATES), the text settles down in the soil; among radicles and roots, it wants to think about the school curriculum as something de-territorialized. From the territory to the soil, it follows the witch's flight line (DELEUZE; GUATTARI, 1992). The text aims to design a plan for the curriculum by allying it to mundane, terrene, infernal, diabolic, insane forces that make packs, flocks, viruses proliferate in zigzagging zones. It has to do with an immanent practical operation as it both regards the curriculum as an invention and considers every creation as inherent to human activity. The text aims to work as an air respirator so that, in a totally non-conciliatory way, it throws the curriculum to starving vultures, thus clashing with nice and friendly messianic intentions.

**Keywords:** Curriculum. Between. Invention. Nomad. Plan.

---

<sup>1</sup> Pedagoga, doutoranda em Educação, professora no Centro Universitário Univates, Lajeado, RS, Brasil, e-mail: fabijj10@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Filósofa da Diferença; doutora em Educação; professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; líder do Grupo de Pesquisa *Escrituras da Diferença em Filosofia-Educação*; pesquisadora de produtividade do CNPq; Porto Alegre, RS, Brasil; e-mail: sandracorazza@terra.com.br.

## Enfrentamento

Era assim, havia muito tempo, eu estava fatigado e não compreendia mais.

Caio Fernando Abreu

Importa ao texto capturar os fluxos que escoam entre o que se passa e o que se passou no currículo escolar, a fim de suspender as formas instituídas, ou então fazer calar, de modo provisório, as formatações dadas de antemão. Quem sabe, será prudente guardar distância das certezas, das definições do currículo, daquilo que é dito sobre competências e habilidades necessárias a uma boa escolarização. Não é de hoje, mas é de quase sempre, que o que é ensinado na escola está estreitamente vinculado a um determinado tempo e espaço, os quais quase sempre se referem a um conhecimento válido e verdadeiro. Isso sinaliza que os saberes legitimados carregam uma história, ou seja, são construídos pelas tramas sociais, políticas e econômicas num jogo complexo de relações de poder.

Ora, ingênuo seria o texto apostar na ideia de que há dois campos distintos do currículo – oposições carregam o fardo valorativo, e isso quer dizer que é quase óbvio o que virá agora. Num dos campos, estariam os bons professores, e o outro seria ocupado por professores não tão bons, que se confrontariam, disputando forças e formas para melhor ensinar, o que, por sua vez, pode ser interpretado como quase uma obrigação em alcançar resultados satisfatórios de aprendizagem dos alunos, dados a ver a partir das avaliações externas. Tal pressuposto talvez possa nos servir como indicador de que é urgente e emergente pensar o currículo na contramão das formas naturalizadas, a fim de fazer emergir atitudes de estranhamento do familiar. Longe de apaziguamentos, fundamentos primeiros que procuram a origem da verdade –transcendente – do currículo, o texto filia-se aos seres vivos da terra. A propósito, a “verdade é deste mundo, ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder” (FOUCAULT, 2012, p.52). O texto, “em vez, pois, de perguntar ‘o que é?’, perguntar ‘o que faz que seja o que é?’ Buscar, antes, o impulso, o desejo e o motivo que fazem com que as coisas tenham o sentido que têm do que sua essência, sua origem, ou o seu fundamento último.” (CORAZZA; TADEU, 2003, p.49).

O texto propõe raspar as formas estratificadas do currículo, subverter os códigos dominantes instituídos e inscritos na macropolítica, “distante de um sentido corrente ou de um sistema estabelecido” (CORAZZA, 2008, p.77). Na carona com Deleuze e Guattari (2011), o entre não se refere a uma correlação localizável que vai de um ponto a outro, mas trata-se de um movimento transversal. As raízes remetem ao pensamento arborescente, “inspiram uma triste imagem do pensamento que não para de imitar o múltiplo a partir de uma unidade superior de centro e ou de segmento” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p.35)

Para tal enfrentamento, o texto produz algumas cenas – radiculas – inventariadas, com o intuito de dar vazão aos elementos advindos da ciência, da arte e da filosofia. Importa destacar que as cenas “passam a constituir um espaço de transgressão, em que tudo o que é fixo se torna móvel, as verdades são abaladas e vêem-se desmanchadas as dicotomias interior/exterior, sujeito/objeto/objeto, eu/mundo” (CORAZZA, 2006, p.28), isso tudo porque “enfrentam o desafio de explicar suas criações, sem apelar para uma instância criadora, superior e extrínseca a ele e a seu fazer” (CORAZZA, 2013, p.97). O texto toma emprestado o que escreveu Michel Serres (1993) em *Filosofia Mestiça*: “a invenção é o ato intelectual verdadeiro, a única ação inteligente”, visto que “só a invenção prova que se pensa, seja qual

for esta coisa” (p.118-119). Trata-se de colocar sapatilhas no currículo e fazê-lo dançar, inventar gestos, ensaiar os passos e repeti-los – repeti-los até diferir.

### É difícil falar disto<sup>3</sup>

Resistir às capturas e às armadilhas da tagarelice dos “experts educacionais, que se colocam a serviço das entidades e das forças que são dominantes em nossa sociedade” (RODRIGUES, 2011, p.124). São eles que prescrevem “o ‘kit’ de verdades” (FELDENS, 2006, p.91) segundo o qual se constitui como devem ser o currículo, a aula, o ensino, a avaliação, a didática, e de lambuja demonstra quase que passo a passo como preparar um currículo democrático, cidadão, capaz de enfrentar e “dar conta” das mazelas da sociedade. Pois bem, basta perguntar aos “*experts*”, porque sabem o que é ensinar e como ensinar; como dar uma boa aula; como trabalhar com o currículo; como usar os métodos de ensino (CORAZZA, 2000). Rachar com o conjunto de deveres que compõe o *kit* das expertises<sup>4</sup> talvez nos remeta à necessidade de pôr em xeque a reconhecida – “uma representação, sob a forma do Mesmo” (CORAZZA, 2013, p.176), de práticas baseadas em caminhos retos e seguros, pois apenas se reconhece e se representa algo já existente, “porque essa imagem é natural, ela não pode ser plural” (IBIDEM). A representação, na filosofia deleuzeana, “tem apenas um centro, uma perspectiva única e fugidia e, portanto, [...] não mobiliza, nem move nada” (DELEUZE, 1988, p. 106).

Nesse caso, uma das estratégias de combate seria potencializar o desconhecido para que outras brechas sejam criadas e, sobretudo, fazer a diferença no próprio pensar, minando o território de possibilidades e variações contínuas. Embaralhar os códigos. Criar problemas que violentem o pensar. Pensamento, para Deleuze e Guattari (1997), “é como um Vampiro, não tem imagem, nem para constituir modelo, nem para fazer cópia” (p. 47). Desenhar mapas, e não decalcar. Fazer rizomas, e não plantar árvores. Traçar a linha, nunca o ponto, pois, para Deleuze e Guattari (2011), “não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz. Existem somente linhas” (p.17). Explorar os meios por trajetos dinâmicos. Todavia, interessa dizer: “eu aprendi, senhores. Ah, aprende-se o que é preciso que se aprenda; aprende-se quando se quer uma saída; aprende-se a qualquer custo” (KAFKA, 2011, p.122). E os *experts*, o que e para quem importa o que eles dizem?

### Abandonar aquilo que congela

Para inventar os meios, encarnar possibilidades transgressoras, dramatizar a aula, encenar o currículo. Visão míope borra a imagem do currículo compreendido como aquisição de técnicas, transmissão de conteúdos, desenvolvimento de habilidades e competências. “Uma saída, apenas uma saída”, grita o macaco de Kafka<sup>5</sup>. Descompassos. Exercício da entrega que não preenche; ao contrário, perfura os estratos cristalizados. Não é o tempo da falta em que se abriga o currículo, que escorre para nunca mais. Mas é um tempo desejo de “realidade de um virtual” (CORAZZA, 2006, p.103), e nada lhe falta, porque interrompe o automatismo da contagem *chrónos* e faz pulsar fluxos intensos prenes de vida. Abandonar o que congela, o que seca, aquilo que não alegra e vivifica o currículo, entretanto, exige a força de um lutador

<sup>3</sup> Frase de Deleuze no livro *Conversações* (2013, p.141).

<sup>4</sup> *Expertise* seria “um tipo particular de *autoridade* social, caracteristicamente desenvolvida em torno de *problemas*, exercendo certo olhar *diagnóstico*, fundada sobre uma reivindicação de *verdade*” (ROSE, 2011, p. 123, grifos do autor). Aos *experts*, compete “*eficácia técnica*”, uma vez que eles possuem a capacidade de reconhecer as “*virtudes éticas humanas*” (IBIDEM).

<sup>5</sup> Trata-se do conto “Um relatório para a Academia”, de autoria de Franz Kafka, redigido em 1917.

de sumô para esmagar a imagem dogmática do pensamento que nos constrange a pensar de um determinado modo (DELEUZE, 1988).

### **Despudor**

O que se quer é produzir certa ignorância acerca do que se sabe do currículo, sem pudor, apenas com prudência necessária. Ensaio de um currículo que se atiram do trampolim. Currículo que segura com as duas patas a pá para mover o mais íntimo do ser. Rasgadura ínfima daquilo que até então se estendia de uma ponta a outra. Currículo-ensaio, interrupção de um pensamento linear. Um pequeno sopro! Uma brisa que leva o currículo a sair de casa, sem direção determinada, viaja nas bordas, atravessa labirintos que nunca foram acessados. Mas como driblar o que está instituído e salvaguardado como verdade no currículo? Como praticar um currículo que fale em nome próprio? Aprender, assim como o ensaiar, não trata de repetir o mesmo, mas inventar o porvir. Abrir as forças que atravessam o currículo, dar passagem ao inexistente, emprenhar de possíveis e, por isso, passar “a estranhar todas as explicações totalizantes, não se deixar prender dentro de nenhum limite, atemorizar todas as subjetividades construídas, não ter mais olhos para a Verdade e ouvidos para o Sentido” (CORAZZA, 2002, p.53).

Aprender como violência. Violento porque arromba o previsível. Violento porque rouba o sossego. Sentir o cadarço afrouxar e certa leveza ao andarilhar, mas, ao mesmo tempo, náuseas devido ao desassossego ao criar outras variações à vida, instaurando “percurso para outras formas de existência, incidências sobre inéditas possibilidades de viver” (CORAZZA, 2013, p.164). Não significa dar as costas para a representação, mas apostar na criação de currículos zombeteiros e desobedientes. Não se trata de linearidades e muito menos de apreço às raízes; ao contrário, o currículo alia-se ao funcionamento de um rizoma, o qual permite múltiplas entradas e inúmeras saídas.

### **Lista de intenções**

Trair. Burlar. Roubar. Dar uma rasteira. Perturbar. Incomodar. Gargalhar. Dispensar. Desenfear. Perder. Esquecer. Gaguejar. Dissimular. Fugir. Amar encruzilhadas. Não saber. Rir. Embaralhar as cartas. Flertar com o oco das palavras. Esvaziá-las. Criar outros tantos. Traduzir com e em bando. Criar uma frota bélica. Proliferar contágios e contaminações. Pecar. Pulsar. Escorrer. Pulular. Riscar o certo. Calar as pragas. Lutar contra o ressentimento e má consciência.

### **Desvios**

Desviar é como um jogo de apostas. Desvios são descaminhos. Desviar é algo do tipo delirar sem direção predeterminada. Desviar é criar o desconstruído. Desvia-se para afastar o que tapa o olho. Desviar para descarregar o pesadume da vida. Desviar não para ultrapassar o sinal, mas sobrevoar outros signos. Desviar daquilo que não se desvia. Desviar trata-se da vontade de criar becos. Desviar é sarapintar o pensamento. Desviar como fuga de um disco que toca sem parar a mesma canção. Desviar para morrer de novo. Desvia-se como sinal de saúde. Mas o que os desvios têm a ver com as práticas curriculares?

## Imanências

O currículo inscrito no território das imanências implode a essência, o transcendente; suspende o binarismo platônico que marca o inteligível, as ideias, a racionalidade, contrapondo-se ao mundo sensível, às aparências, às cópias ícones, ao simulacro e à ilusão. Cutuca o caráter valorativo e normativo das práticas pedagógicas postas pelos *experts*. Esse mesmo currículo inquieta-se com a emergência da educação integral e com a proveniência das práticas assistencialistas na educação escolarizada. Tomado pelos nômades, o currículo passa a ser itinerante e também “pode ser chamado Currículo- Mar; pois é fluência pura, nada representa, não fixa lugares, não disciplina, mas engendra-se e percorre-se, faz fugir os sujeitos e os objetos” (CORAZZA, 2013, p.30).

## À espreita

O ar do quarto gelava-lhe os ombros. Ele se esticou cuidadoso por sob os lençóis. James Joyce

Cachorro, pulga, carrapato, gato, piolho, cupim, escorpião, barata. O que a educação precisa aprender com todos eles? Capturar os gestos de um estar à espreita, tal como o carrapato deleuzeano<sup>6</sup>, ou então como o inseto de Kafka<sup>7</sup>, ou quem sabe, ainda, Dilermando, o cachorro de Clarice Lispector<sup>8</sup>. Trata-se de estar atento ao que se vê e ao que se ouve. Postura de prestar atenção ao que circula e ao que se movimenta no currículo, ou então àquilo que é interdito, que não é tão simples de ver.

Nesse caso, é preciso apurar órgãos e sentidos: colocar a fuça onde não se é chamado; afiar as unhas para cravá-las no familiar; dentes pontiagudos e sujos que rasgam os manuais, especialmente os que se encontram na prateleira da autoajuda; antenas que possam captar “percepções e sensações ínfimas” (RODRIGUES, 2013, p.32); olho, só vale quando vê além do que é familiar; estômago de elefante produz fomes que não cessam de grunhir vitalidades, uma necessidade de devir animal<sup>9</sup>. “Que venham os devires! [...] Devires que deslizam e escorregam. Devires que explicitam inquietações colocam forças em relação, devires que ativam a vida. Devires animais” (SCHULER, 2011, p.150).

## Currículo Gaia

Currículo Gaia não ganha o mundo, ele é mundo. Currículo Gaia nasce em terrenos férteis, às vezes, desterritorializado, brota no fundo do mar, mistura-se aos peixes-demônios, habita corais, dorme com as ostras, viaja na cauda de um golfinho fêmea. Um currículo Gaia é um currículo vagabundo porque vaga pelos mundos, tem fome de geografia, até porque dizem que um “currículo tem primeiramente, uma geografia” (CORAZZA, p.2013, 149). Um currículo Gaia está perto e longe ao mesmo tempo da margem, sabe o quanto é necessário aproximar-se e afastar-se para não cair em armadilhas majoritárias, estratificadas pela linha molar que não cessa de operar movimentos de capturas de “qualquer outro modo de existência” (CORAZZA, 2013, p.151).

<sup>6</sup>DELEUZE, Gilles. O abecedário de Gilles Deleuze. Letra A: Animal

<sup>7</sup>KAFKA, Franz. *A Metamorfose*.

<sup>8</sup>Clarice, uma biografia, obra de Benjamin Moser.

<sup>9</sup> Devir animal é um conceito cunhado por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997). Consoante aos filósofos, o “devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou indiferenciação” (p.11).

## Gaguejar

Não me agradava a idéia. Caminhei de um lado para o outro, ficando cada vez mais inquieto à medida que passavam os minutos. Henry Miller.

Triturar palavras tagarelas, produzir silêncios prenhes de vida, murmúrios, soluços, balbucios, gagueira. Trata-se de um currículo que se produz no espanto, com algo que o choca e o tira dos trilhos, escapando da representação. Uma espécie de “gagueira criadora”, escreverá Deleuze (1997, p.126). Gagueja porque é forçado, picado, mordido, cutucado pelas forças intempestivas do caos. Para um nômade, talvez importe aprender, antes de tudo, a gaguejar, pois “as palavras fazem silêncio” (DELEUZE, 1997, p.128) para que possam atingir o seu limite. Gaguejando entre uivos, ladros, grunhidos, murmúrios, balbucios, zurros e sibilos, encontra-se com o deserto. Um currículo gago opera em velocidades, lentidões e ignorâncias.

## Dicas para um currículo matéria

90. Não cite. Vampirize. 28. Não ornamente. Desmanche. 39. Não embeleze. Suje. 89. Não decore. Borre. 55. Não limpe. Manche. 145. Não floreie. Desflores. 18. Não regule. Fabule [...] 10. Não discorra. Distorça. 66. Não discurse. Desconverse. 200. Nem ordem, nem inversão. Diversão. 22. Não explique. Complique. 9. Não empilhe. Cave. 69. Não empaste. Raspe. 33. Não enfileire. Descarrilhe. 88. Não siga o caminho. Saia do trilho. 301. Não focalize. Disperse. 15. Não organize. Embaralhe. 78. Não dê forma. Deforme. 35. Não funda. Confunda. 101. Não centralize. Distribua. 102. Pra quê régua? Enfie nos dedos. 38. Pra quê compasso? Meta os pés (TADEU, 2007, p. 312).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pensar em um currículo que se permita sujar – criar – em vez de acumular – ordenar, classificar, categorizar – conhecimentos, conteúdos e didática? Como (des)curricularizar o que está instituído e salvaguardado como Currículo Verdade? Quais as verdades deste tempo é preciso enfrentar para que se possam cartografar os “percursos desconhecidos para traçar desvios e operar rupturas no já sabido, reconhecido e legítimo” (DALAROSA, 2011, p. 19)? Como pensar a contrapelo do que está posto como verdade? De que modo é possível criar movimentos disparadores que possam aumentar o espaço liso da aula, da didática, do currículo? Que possibilidades que se tem ao suspender o instinto de rebanho e “permitir uma vida em experimentação e que, portanto, é produzida na potência da invenção de sentidos” (DALAROSA, 2011, p.22)? Como imprimir um currículo que fale em nome próprio? Trata-se de um campo de batalhas, “obstáculos e limites, [que] promove ‘combates-contra’ (com o Outro) e ‘combate-entre’ (entre si)” (CORAZZA, 2013, p.166).

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio Fernando. *Fragmentos: 8 histórias e um conto inédito*. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- CORAZZA, Sandra Mara. O que faz gaguejar a linguagem da escola. In: ENDIPE (Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino). *Linguagens, espaços e tempos no ensino e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p.89-103.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Para uma filosofia do inferno na Educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002
- CORAZZA, Sandra Mara. *Artistagens*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006
- CORAZZA, Sandra Mara. *Os cantos de Fouror: escrita em filosofia-educação*. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2008.
- CORAZZA, Sandra Mara. *O que se transcreve em Educação?* Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.
- CORAZZA, Sandra Mara; TADEU, Tomaz. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- DALAROSA, Patrícia Cardinale. "Escrituras: um modo de escrever em meio à vida". Observatório da Educação/CAPES/INEP. In: HEUSER, Ester Maria Dreher (org.) *Caderno de Notas 1: projetos, notas & ressonâncias*. Cuiabá: EdUFMT, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. (Trad. de Luiz B. L. Orlandi e Roberto Machado). Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. (Trad. Peter PálPelbart). São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 2ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* (Trad. Bento Prado Junior e Alberto Alonso Muñoz). Rio de Janeiro: Editora 34, 1992
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.5. (Trad. Peter PálPelbart e Janice Caiafa). Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol.1. 2ª ed. (Trad. Ana Lúcia de Oliveira; Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa). Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Disponível em: <http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>. Acesso em 23 de julho, 2015.
- FELDENS, Dinamara. O sujeito moderno e sua modernidade sedentária: pequenas aproximações. In: \_\_\_\_; MUNHOZ, Angélica Vier; SCHUCK, Rogério José (org.). *Aproximações sobre o sujeito moderno: traçando algumas linhas*. Lajeado, RS: Univates, 2006.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. (Trad. Roberto Machado). 25ed. São Paulo: Graal, 2012.
- JOYCE, James. *Os mortos*(Trad. Caetano W. Galindo). 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- KAFKA, Franz. *A Metamorfose*. (Trad. Gabriela Fragoso). Lisboa: Ed. Presença, 2009.
- KAFKA, Franz. Um relatório para a academia. In: \_\_\_\_\_ *Essencial*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MILLER, Henry. *Trópico de Câncer*. (Trad. de Aydano Arruda) Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003.

MOSER, Bejamin. *Clarice, uma biografia*. (Trad. José Geraldo Couto). São Paulo: Cosac Naif, 2011.

RODRIGUES, Carla Gonçalves. O dito e o não dito da formação de professores nesta contemporaneidade. In: HEUSER, Ester Maria Dreher (org.) *Caderno de Notas 1: projetos, notas & ressonâncias*. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

RODRIGUES, Carla Gonçalves et al. Oficina tramas e usos do passeio urbano. In: \_\_\_\_\_. (org.) *Caderno de Notas 5: Oficina de escreleituradas: arte, educação, filosofia*. Pelotas: UFPel, 2013.

ROSE, Nikolas. *Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SERRES, Michel. *Filosofia Mestiça*. São Paulo: Nova Fronteira, 1993.

SCHULER, Betina. Uma didática menor: questão de entradas e saídas. In: RODRIGUES, Carla Gonçalves (org.) *Caderno de Notas 2: Rastros de escreleituradas*. Canela, RS: UFRGS, 2011.

TADEU, Tomaz. Políptico. *Educação em Revista*. Belo Horizonte. nº 45, jun. 2007. p. 309-322